

A (TRANS) FORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO EDUCANDO: O PAPEL DO PROFESSOR, DA FAMÍLIA E DA SOCIEDADE NA ESCOLA

THE LEARNER'S SOCIO-ENVIRONMENTAL (TRANS) FORMATION: THE ROLE OF TEACHER, FAMILY AND SOCIETY IN SCHOOL

Eduardo Beltrão de Lucena Córdula

Mestrando PRODEMA (UFPB); Especialista em Educação (IESP); Biólogo (UFPB); Pesquisador do GEPEA-
GEPEC (UFPB)

e-mail: ecordula@hotmail.com

RESUMO

A escola pública, mesmo com todos os seus paradigmas, tem seu papel secular de promover por meio do ensino formal da educação básica, o processo de ensino-aprendizagem na formação do público infanto-juvenil e, com isto, torná-los cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Objetivando levar a discussão desta problemática à escola, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica para levantamento da temática e da sua importância no âmbito escolar, para promoção da sensibilização dos atores envolvidos neste processo: professor (a), família e sociedade. Com a inserção da Educação Ambiental (EA) no ensino público, tem-se a possibilidade de construir novos conhecimentos para o desenvolvimento do ser humano holostêmico atuante e consciente de seu papel na era planetária – ou seja, para a preservação e conservação dos recursos socioambientais, com vistas à sustentabilidade para estas e as futuras gerações.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Educação Formal. Escola. Sociedade.

ABSTRACT

Despite all its paradigms, public school has its secular role of promoting the learning teaching process in children and adolescents' formation by means of formal teaching in basic education and, consequently, making individuals aware of their role as citizens in society. The goal is to take a discussion about this issue to school. So, a bibliographic research was done in order to gather information on the topic and its relevance to the academic environment. In doing so, it is intended to promote awareness of those involved in the process: teacher, family and society. With the insertion of Environmental Education (EE) in public education, there is a possibility of building new knowledge for the development of a holistic and systematic active human being and aware of his/her role in planetary era - in other words, for the preservation and conservation of socio-environmental resources, aiming at sustainability for these and future generations.

Key words: Environmental Education, Formal Education, School, Society.

INTRODUÇÃO

O ensino formal visa à preparação da criança para a vida adulta, encaminhando-a para uma vida profissional e engajando-a na sociedade de forma participativa e competitiva. A Educação é um processo transformador e preparatório do ser humano, atribuindo-lhe as competências necessárias para seu desenvolvimento cognitivo e formação da sua identidade cidadã. (WERNECK, 1995; CÓRDULA, 2012a). Segundo Cunha (1986), a história da educação brasileira mostra que o sistema de ensino privilegiou uma classe dominante, que possibilitou aos seus filhos acesso e permanência nas escolas de qualidade. Por volta da década de 30, o ensino passa a ser direito de todos os cidadãos e dever do estado de provê-lo, surgindo às escolas públicas, mas de acesso das classes economicamente mais favorecidas da sociedade. (CUNHA, 1986). No entanto, com as mudanças sociais e políticas ocorridas na década de 80; com o fim por completo da ditadura militar e início do estado de redemocratização houve maior abertura para mudanças no sistema de ensino daquela época que, mesmo assim, não trouxe mudanças na forma de entender e ver o alunado em sua totalidade, e que perduram até os dias atuais. (CUNHA, 1986).

Em pleno século XXI, as escolas se voltam para uma melhor formação do educando, enfocando principalmente a cultura, a cidadania, os valores sociais e o pleno desenvolvimento das habilidades e qualidades para um ser humano autônomo, que consiga interligar saberes e conhecimentos, preparando e estimulando o alunado a se tornar um cidadão crítico e atuante em sociedade. (CÓRDULA, 2010; FREIRE, 1996; MORIN, 2010). Porém, o sistema de ensino público se depara diariamente, com uma realidade na qual faltam recursos materiais para aulas (recursos audiovisuais, material didático, logística, etc.), ausência de um ambiente adequado para acomodação dos alunos (superlotação das salas de aula), falta de recursos financeiros (melhores salários, reformas da estrutura física, ampliação, etc.) e falta uma melhor qualificação dos profissionais (aprendizado contínuo). (FLEURI, 1997; CÓRDULA, 2010; VASCONCELOS, 2007).

Além disso, o modelo de escola concebido na sociedade contemporânea está voltado para a necessidade de cumprir metas pré-estabelecidas ligadas à demanda social e à sua matriz curricular (Figura 1), e por outro lado a família deixa de cumprir seu papel de educadora dos seus filhos (as) passando não mais a ensinar a ética, os valores sociais, a sexualidade, o desenvolvimento de aptidões inatas, o respeito pela vida e pelo ambiente em que estão inseridos, os direitos e deveres de cada indivíduo e da coletividade, sobrecarregando o papel da escola e do professor (a). (BUFFA, 1996; FREIRE, 1997).

Figura 1 – Aprendizagem em um ciclo contínuo sócio-histórico de formação/construção do saber no Sistema Educacional



Fonte: CÓRDULA, 2012 a.

O país ainda está carente em educação com qualidade, acessibilidade e disponibilidade para todos os cidadãos, para que consigam entrar e permanecer nas salas de aula (CÓRDULA, 2012a). E precisa, também, de políticas públicas sociais e trabalhistas que garantam às famílias condições mínimas de sobrevivência e, com isso, impedir que adolescentes e jovens entrem precocemente no mercado de trabalho, em virtude da necessidade de complementarem a renda familiar. (CARVALHO, 2004). Pois, segundo Freire:

Na verdade, não há crianças se evadindo das escolas como não há crianças fora das escolas como se não estivessem dentro só porque não quissem, mas crianças ora proibidas pelo sistema de entrar nas escolas, ora de nelas permanecer. (FREIRE, 1997, p. 20).

Como mostra na Figura 2, para manter um sistema social em contínuo movimento para formação educacional do ser humano, o ciclo tenta manter-se em equilíbrio, mas ao lidar com a identidade humana que é permeada de subjetividade, sempre ocorrerão pontos de fragilidade ou de enrijecimento no sistema, o que o leva à ruptura do processo, afetando drasticamente a sociedade. (BUFFA, 1996). Este processo de fragmentação socioambiental vem sendo retratado desde a publicação do livro “Primavera Silenciosa” de Carson (1962), mostrando que o ténue tecido planetário que interliga todos os organismos – incluindo os seres humanos e os fatores ambientais está declinando ao longo do tempo, ao invés de ter estagnado e entrado em processo de retrocesso. Isto não ocorreu ainda, devido a não compreensão do ser humano de seu papel socioambiental neste processo de reversão dos problemas ambientais e sociais. (CAPRA, 2006; CÓRDULA, 2010; 2012d).

Figura 2 – Condições necessárias para a formação do Cidadão.



Fonte: CÓRDULA, 2010

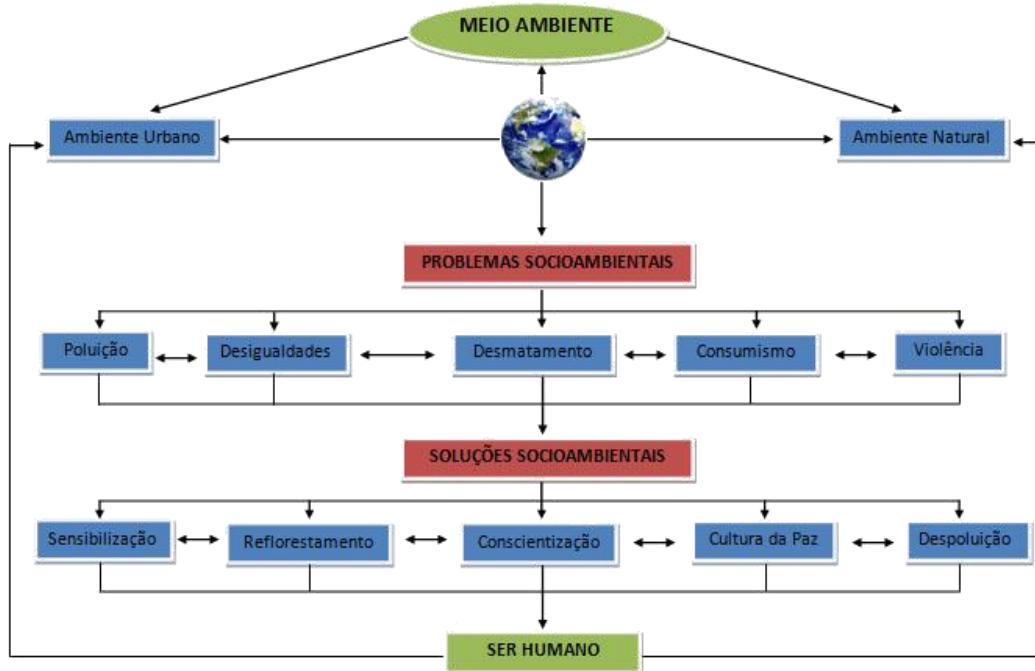
A Educação Ambiental Formal (EAF) é tratada no contexto escolar, envolvendo também os familiares dos alunos e a comunidade do seu entorno. (ABÍLIO, 2012). Porém, como se pode sensibilizar alunos de escolas públicas sobre a importância de um meio ambiente equilibrado e com desenvolvimento sustentável, se parte desses atores vivem em comunidades carentes, de baixa renda e cuja preocupação imediata é a própria sobrevivência diária? Como lidar com tais questões em escolas inseridas em comunidades com inúmeras carências sociais, nutricionais e fitossanitárias? Como tratar de questões que são provocadas, principalmente, por países altamente desenvolvidos, que consomem a maioria dos recursos naturais do planeta e, como consequência, contribuem enormemente para os grandes problemas ambientais? Como se pode trazer essa responsabilidade para os alunos carentes de afeto e de futuro? Como se pode incentivar a Educação Ambiental (EA) entre os professores de escolas públicas, em meio a tantos problemas que os afetam direta e indiretamente no seu ato de ensinar? Esses são questionamentos que se fazem os professores interessados em despertar em seus alunos a consciência ambiental.

Essa realidade, porém, pode ser o principal campo para atuarmos com a EA, ou seja, a partir do mundo onde vivem e o que vivenciam diariamente (Figura 3), contextualizando e mostrando soluções por meio de um programa que inclua vários projetos para serem desenvolvidos durante todo o ano letivo, com ações conjuntas de forma inter, multi e transdisciplinares, para sensibilização e mudanças de atitudes que seriam refletidas em seus mundos e em suas vidas (CÓRDULA, 2010; DIAS, 1998; FREIRE, 1992; LÜCK, 1994). Para Dias (1998), é com o agir localmente, pensando nos problemas imediatos e que influenciam a vida das comunidades, para mudar valores, atitudes e pensamentos que se estará focando no âmbito global em virtude de o mundo estar conectado a tudo que nele existe e coexiste de forma sistêmica.

A escola contemporânea não pode mais separar a parte teórica (métodos, técnicas, conhecimentos) da aplicação prática, caso contrário, permanecerá isolada da comunidade circunvizinha e da comunidade na qual vive o seu estudante. (MORAIS, 1996). Muito embora sejam muitas as adversidades que surgem e ressurgem no contexto escolar, com poucas soluções para elas e ainda há a falta de compromisso das políticas públicas em solucionar efetivamente tais situações para com nosso sistema educacional, problemas que refletem no cotidiano escolar da maioria dos alunos. (VASCONCELOS, 2007). Pois, o alunado acaba externalizando todos os problemas socioambientais que afetam diretamente sua vida, por meio de comportamentos ambientalmente incorretos, o que se reflete na estrutura física da escola (inscrições em paredes, quebra de carteiras, destruição do material didático, etc.), desrespeitando e/ou agredindo verbalmente e, até

mesmo, atos extremos de agressão física aos professores e demais profissionais da escola e até mesmo os próprios colegas de sala. (CÓRDULA, 2011a).

Figura 3 – Mapa Conceitual do Meio Ambiente na contemporaneidade

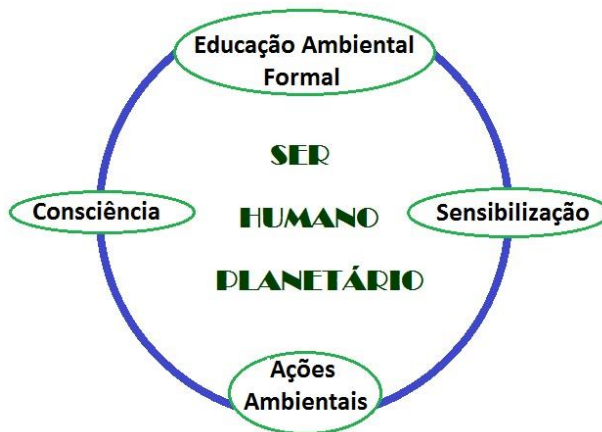


Fonte: CÓRDULA, 2013.

Por isso, a educação formal, junto com a Educação Ambiental, vem tentando propiciar a valorização do profissional como agente (Trans)Formador de cidadãos (VASCONCELOS, 2007), tornando-os ativistas das questões socioambientais, multiplicadores da sensibilização dos problemas que afetam a todos em suas comunidades de origem, buscando sempre um comportamento ambientalmente responsável (BRASIL, 1997; DIAS, 1998), com respeito aos ambientes naturais e humanos.

Nesse sentido, Brasil (1997, p. 06) entende "a escola como espaço público e local onde a criança dará sequência ao seu processo de socialização, é fundamental o papel da EA na formação de uma cidadania responsável" (Figura 3). E, portanto, a Educação Ambiental promove nas crianças, no corpo docente e demais profissionais da escola, propostas, ações, saberes e instrumentos necessários a transformação dos atores envolvidos no processo de sensibilização, em multiplicadores de boas práticas, condutas e pensamentos socioambientais. (CÓRDULA, 2012c).

Figura 3 – Processo de formação do ser humano planetário



Fonte: CÓRDULA, 2010.

Segundo Córdula (2010), as crianças são os principais agentes modificadores do meio e, também, multiplicadores pelo fato de não estarem ainda, totalmente moldadas pelo sistema sócio-político-econômico capitalista, que estimula o consumismo, o individualismo e a competição. No sentido de romper tal paradigma, a visão de um ser humano holostêmico (CÓRDULA, 2011b; 2012c), que é a concepção totalitária de nossa existência e nos coloca como essência pertencente ao grande sistema: Gaia (LOVELOCK, 2006), desvincula qualquer tendência materialista de situar as essências vitais deste planeta e de seus componentes na manutenção do equilíbrio, das forças universais e naturais que regem a Terra.

Nessa concepção, há uma integração que considera a essência vital como mantenedora do frágil e tênue equilíbrio físico-biológico de cada indivíduo na relação sociedade-natureza. Essa concepção da vida e do ser humano busca a condensação entre a teoria sistêmica, holística, espiritual e afetiva (razão + emoções). (CÓRDULA, 2011b; 2012b; 2012c).

E os professores (as) desses futuros cidadãos lutam em meio a inúmeras dificuldades para continuar a exercer sua profissão pela importância social que

representam para uma nação, que é: educar, formar, sensibilizar, conscientizar e preparar os jovens atores para estarem ativamente na sociedade (WERNECK, 1995; CÓRDULA, 2010). Esses mestres e orientadores do saber são vitais para uma sociedade justa, igualitária e consciente, pois, por meio de suas lutas políticas, pedagógicas e sociais, caminham rumo a mudanças no nosso sistema educacional, visando qualidade, eficiência e maximização dos processos de ensino-aprendizagem. (SILVA, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação formal na escola pública, juntamente com um programa e/ou projetos em Educação Ambiental, possui a possibilidade de atuar na formação de um ser humano consciente do seu papel não só como cidadão perante a sociedade, mas, também de sua responsabilidade perante o planeta e a vida.

No sentido de uma formação ampla, devem atuar todos os profissionais da comunidade escolar, desde os gestores, corpo técnico e demais profissionais que são também educadores, além dos professores (as), que já atuam direta e diariamente com o alunado.

Professores (as) são modelos nos quais muitos alunos(as) se espelham e, por essa razão, possuem papel crucial no ato de ensinar pois sua força está em propiciar a sensibilização com gênese da conscientização nesses futuros cidadãos e assim, garantir o surgimento de um geração que busque a aproximação de uma sociedade sustentável para que esse termo não fique apenas na mera epistemologia e utopismo, mas se transforme em ação.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Francisco José Pegado. **Métodos Qualitativos e Técnicas de Coletas de Dados em Pesquisas com Educação Ambiental**. In: ABÍLIO, F. J. P.; SATO, M. **Educação Ambiental: do currículo da educação básica às experiências educativas no contexto do Semiárido Paraibano**. João Pessoa, PB: Ed. Universitária da UFPB, 2012, p.19-76.

BRASIL. **Educação Ambiental**. Unesco/Brasil. Brasília: MEC/CEA, 1997.

BUFFA, Ester. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?**. 6ª ed. São Paulo: Cortez (Coleção Questões de Nossa Época, v. 19), 1996.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006, 447p.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira. **Algumas Lições do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. São Paulo em Perspectiva**, 18(4): 50-61, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n4/a07v18n4.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2013.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. **Educação Ambiental Integradora**. Cabedelo-PB: EBLC, 2010 [CD-ROM].

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. **As crianças e a violência na escola: espelhos da sociedade**. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v. 5, no. 2, p.256-266, nov. 2011a. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 28 nov. 2011.

_____. **O Ser Humano: da concepção criacionista à holostêmica**. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro-RJ, nº 21, 31 mai. 2011b. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0069.html>. Acesso em: 01 jun. 2011.

_____. **Cidadania Ativa: bases teóricas para formação do cidadão**. Cabedelo, PB: EBLC, 2012a, 61p.

_____. **Responsabilidade Planetária do Homo sapiens sapiens.** *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro-RJ, nº 30, ago. 2012b. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0092.html>. Acesso em 07 ago. 2012.

_____. **Ser Humano Holostêmico.** Cabedelo, PB: EBLIC, 2012c, 46p.

_____. **Nosso Futuro: só depende de nossas ações hoje.** *Revista Educação Ambiental em Ação*, Novo Hamburgo-RS, Ano XXI, nº 41, set.-nov. 2012d. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1309&class=02>. Acesso em: 18 mar. 2013.

_____. **Mapas Conceituais da Aprendizagem em Sala de Aula.** *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro-RJ, nº 09, 12 mar. 2013. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0375.html>. Acesso em: 18 mar. 2013.

CUNHA, L. A. **Educação nas Constituições Brasileiras: análise e propostas.** *Revista Educação e Sociedade*, Rio de Janeiro, nº 23, 1986, p.5-13.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas.** 5ª ed. São Paulo: Gaia, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola.** 9 ed. São Paulo: Cortez (Biblioteca de Educação, série I. Escola; v. 12), 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora Sim, Tia Não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'água, 1997.

LOVELOCK, James. **Gaia**: cura para um planeta doente. São Paulo: Cultrix, 2006, 192p.
LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORAIS, J. R. [coord.]. **Água Presente**: metodologia transversal para temas ambientais. Brasília: CAESB, 1996.

SILVA, E. T. **O Professor e o Combate a Alienação Imposta**. 3ª ed. São Paulo: Cortez (Coleção Questões de Nossa Época, v. 57), 1996.

VASCOCELOS, Celso dos Santos. **Para Onde Vai o Professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2007 (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad, v. 1).

WERNECK, H. **Assinei o Diploma com o Polegar**: construindo a cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.